



Sobre a “essencialidade sistêmica” de Deus

Carta Pastoral do Bispo de Mainz,
Peter Kohlgraf,
para o Tempo Quaresmal de 2021

Traduzido do alemão por Claudia e Leandro Fontana

Umschlagmotiv:
St. Quintin in Mainz vom Rathaus aus gesehen

Herausgeber:
Bischöfliche Kanzlei/Publikationen Bistum Mainz 2021
Bischofsplatz 2, 55116 Mainz
Mainzer Fotomotive und Layout: B. Nichtweiß

Eine Version in Leichter Sprache sowie Übersetzungen in Sprachen von Gemeinden
anderer Muttersprache im Bistum Mainz, Fürbitten, Online-Fassung, Video
und weitere Informationen stehen zur Verfügung unter
bistummainz.de/fastenhirtenbrief-2021
Herzlichen Dank für alle Hilfe bei den Übersetzungen!

Estimadas irmãs e estimados irmãos da Diocese de Mainz!

Durante a pandemia do coronavírus, foram criadas palavras sobre as quais alguém dificilmente terá refletido antes. Dentre elas, está a expressão "serviços essenciais". Esses serviços dizem respeito a instituições ou profissões que são imprescindíveis para que uma sociedade funcione. Para algumas pessoas, foi difícil acompanhar esse debate, uma vez que suas profissões ou seus papéis sociais não foram reconhecidos como serviços essenciais.



E pode a religião ser considerada essencial neste tempo? Essa questão tem sido discutida de forma controversa. Estando à frente da Igreja, temos apontado para o acompanhamento pastoral, para o fortalecimento espiritual através da oração e celebrações litúrgicas e para as inúmeras atividades sociais tanto a nível profissional como voluntário. E tudo isso continua a valer. Como Igrejas, estivemos e estamos muito mais próximos das pessoas do que algumas acusações tentam levar a acreditar. Nesse sentido, nós, cristãos, não precisamos nos envergonhar e muito menos nos esconder. A Igreja não esteve e nem está, de modo algum, "sumida".

O "serviço essencial" das celebrações litúrgicas e outras atividades eclesiais foi assunto desde o início da pandemia. Por

precaução, as celebrações litúrgicas públicas tiveram que ser suspensas temporariamente. Tentou-se, através de sugestões para celebrações domésticas ou ofertas digitais e midiáticas, criar alternativas. Afinal, por que a (con)celebração na sala de estar não deveria transmitir às pessoas força e confiança? A questão de que o recebimento dos sacramentos poderia ter significado existencial acabou ficando em segundo plano.



Obviamente, não se pode jogar esse aspecto contra os riscos à vida e à saúde física. Pôr temas continuamente em discussão é parte essencial do êxito de processos democráticos. As ofertas espirituais da Igreja encorajam as pessoas e as motivam para a cooperação social. Aqui, a Igreja pode revelar, através de sua mensagem, o seu serviço essencial. E como bispo eu posso dizer: alegro-me com as muitas ações essenciais de cristãs e cristãos, aos e às quais agradeço sinceramente. O seu agir e o seu cuidado têm ajudado muitas pessoas e demonstra: não vivemos apenas de pão!

Deus não se presta à preservação do sistema

Que papel "desempenha" Deus neste tempo?

No que segue, não pretendo expor, exaustivamente, a doutrina bíblico-cristã sobre Deus. Prefiro ater-me a alguns aspectos que têm sido objeto de minha reflexão pessoal nos últimos meses.

Enquanto muitos encontram refúgio na fé mesmo nas atuais circunstâncias, outros debatem-se com a questão de Deus. Há respostas simples, as quais, no entanto, suscitam em mim interrogações. Alguns parecem saber com demasiada certeza: a antiga doutrina segundo a qual Deus castigaria através da pandemia não é mais atual. Deus não pune, dizem eles. Mas temos mesmo tanta certeza sobre isso? Em sua notável homilia por ocasião de sua oração em tempo de pandemia, em março de 2020, o Papa Francisco disse: Durante demasiado tempo, pensamos que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente.¹ Isso não pressupõe, obviamente, a imagem de um Deus que se põe a arquitetar punições a seu bel-prazer. Contudo, quem estaria disposto a negar que, durante a pandemia, colhemos, entre outras coisas, os frutos de um longo tempo de abuso do planeta? Isso também seria uma consequência, uma punição para o agir humano. Deus não pode ser menosprezado. O ser humano deve arcar com as consequências de seu agir. Pode-se chamar isso de castigo divino.



No fim de contas, permanece uma questão, que nem mesmo as Sagradas Escrituras respondem de forma conclusiva: como pode Deus permitir o sofrimento e a doença? Pois é evidente que a doença e o sofrimento atingem também inocentes. Essa questão permanece, até hoje, uma das principais objeções contra a existência de um Deus bondoso. Doenças e sofrimen-

1 Homilia do Papa Francisco em sua "oração em tempo de epidemia" no adro da Basílica de São Pedro em 27 de março de 2020: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html

to não podem ser compreendidas como uma punição para as transgressões e a culpa de determinado indivíduo. A esse respeito, não encontrarei nenhuma resposta simples. Conta-se, que o teólogo e filósofo da religião Romano Guardini (+1968) teria anunciado, no seu leito de morte, que faria a Deus uma pergunta: “Por que, Deus, tanto sofrimento?”²



É também equivocado pensar que o máximo possível de piedade – e esta demonstrada tanto quanto possível publicamente – poderia impedir o sofrimento humano; por detrás de algumas práticas de piedade parecem esconder-se ideias quase mágicas.

Durante a pandemia, encontram-se, num mesmo barco, crentes e não-crentes, e eles procuram soluções e respostas. Será que a fé em Deus é um serviço essencial? Será que Deus é essencial?

Quero deixar claro desde o início: para a manutenção de sistemas humanos, Deus não pode ser essencial. Instrumentalizar Deus contradiz a sua grandeza. Quando as pessoas acreditam que a sua opinião é confirmada pela vontade divina, há algo de errado. Deus não pode ser instrumentalizado para ações eclesiais, políticas ou sociais. Ele não é um Deus da guerra, nem um Deus da Igreja, nem um Deus que se presta a soluções eclesiais ou sociais fáceis. E tampouco é um Deus da saúde. A teologia medieval conhecia o chamado princípio da analo-

2 Reinhard Körner, *Lose Blätter zugeweht*, Leipzig 2020, 111

gia: tudo o que dizemos sobre Deus contém mais divergências do que semelhanças. Não podemos nos esquecer disso sempre que afirmamos ou inferimos algo sobre Deus.

Obviamente, eu creio na presença de Deus. Ele se revela, ele nos fala em Jesus Cristo. A Jesus não é poupado o caminho para a cruz; ele não só nos ensina, mas caminha ao nosso lado. Ele carrega a nossa cruz. Ele nos chama para o caminho do seguimento. Ser cristão não é possuir um conhecimento superior, mas é agir, viver, caminhar. É a entrega de minha vida a ele. Nisso revela-se o sentido da vida como cristã e cristão – não em respostas teóricas e tampouco em planos de enquadrar Deus em nosso querer e agir. A única resposta que me ajuda, como cristão, nestes tempos – e que não é nem simplista e muito menos capciosa – é olhar para o Crucificado e Ressuscitado. Sou carregado e redimido, o mundo está em suas mãos!



Procurar Deus neste tempo

Deus não pode ser equiparado às nossas fórmulas. A fé é uma conversa contínua com Deus. Ele fala ao ser humano e nós podemos responder. Ele não nos revela, com isso, um texto, mas a sua benevolência, o seu amor. No fim de contas, ele nos fala através de seu filho. Deus não é, meramente, parte de nossos planos. Eu devo procurá-lo por ele mesmo, e não como solução de problemas ou como parte de meus planos. Por isso, tenho que

suportar também a sua escuridão, o seu ocultamento. Muitas vezes, a oração e a vida espiritual nada mais são que suportar essa escuridão de Deus. Isso é difícil e, por isso, pensamos que necessitamos de respostas e soluções claras. Às vezes, elas nos desviam de Deus, não obstante soem bem e pareçam piedosas. Não consigo expressar isso de forma mais clara do que o P. Reinhard Körner: já bem nos primeiros séculos da Igreja, muitos cristãos "não falavam mais com Deus, mas apenas sobre Deus. Eles fizeram de Jesus e de sua mensagem uma doutrina (...). Eles já não mais oravam, mas começaram a dizer orações."³



Falemos, nesse tempo, com Deus, com Jesus! Conversemos com ele e suportemos o fato de que ele não responde imediatamente ou de acordo com nossos conceitos. Não confundamos o falar sobre ele com piedade. Tenhamos o cuidado de não equiparar as nossas afirmações sobre Deus com a sua realidade!

No fim, é bem possível que Deus queira ser bem outra coisa do que um serviço essencial para o nosso sistema. É possível que ele questione profundamente o nosso sistema, seja na Igreja, seja na sociedade. Quiçá a pandemia seja um forte apelo a uma mudança de nossos hábitos e um chamamento à busca de Deus. Nos livros sagrados, sempre que as pessoas pretendiam enquadrar Deus em seus planos, ele punha tudo em dúvida. Ele permanece o totalmente outro. É preciso, nesse tempo, também suportar a escuridão e as perguntas. Mas, ao mesmo tem-

3 Ibid. 76-78.

po, posso confiar: ele está entre nós, ainda que oculto e imperceptível. E faço-o com profunda convicção de fé. O mundo e as pessoas não estão sós.



A Igreja no seguimento de Jesus

Ainda hoje, diz-se que a Igreja é extremamente competente na transmissão de valores; valores que mantêm a sociedade coesa e a moldam num sentido positivo. Mas pergunto-me: a Igreja é, de fato, primordialmente, uma entidade de transmissão de valores? Algumas vozes dizem: para valores, não precisamos da Igreja. E, de fato, a Igreja não é a única fonte de valores sociais. Mesmo assim, os valores que nos são caros são, também, úteis à sociedade. No entanto, chama-me a atenção: a palavra "valores" não aparece uma única vez seja nas palavras de Jesus seja no Novo Testamento. Não se trata, pois, da transmissão de valores sociais, mas sim do discipulado, da amizade, do amor a Deus e ao próximo.

A Igreja deve convocar para esta amizade. Somente na medida em que encoraja para o discipulado, permanece fiel à missão de Jesus. Se isso é essencial ao sistema social ou não, isso depende do próprio sistema. Temos aprendido nos últimos meses: é uma questão de respeito mútuo, de comunhão, sim, de amor. Estes são os "valores" do Evangelho, ainda que não sejam assim chamados. Contudo, não se trata de normas abstratas, mas da configuração da própria vida a partir da amizade com Cristo.

Nesse sentido, nós cristãs e cristãos, enquanto Igreja sua, deveríamos oferecer uma contribuição indispensável. O amor a Deus e a fé nele nos podem servir de motivação para isso.



As pessoas na Igreja fazem tanto pela nossa sociedade, pela sua preservação e pelos valores que a mantém coesa. Elas merecem o nosso sincero agradecimento. Deus, no entanto, não é, meramente, parte da manutenção do nosso sistema. Ele é o sempre maior.

Nestas semanas do tempo da quaresma, somos convidados a buscá-lo, a suportar a escuridão e a não procurar respostas imediatas. Também nos debates da Igreja, Deus não se presta a respostas fáceis. Em primeiro lugar, teremos que conversar com ele, pessoalmente, e não sobre ele. Teremos que buscá-lo e perguntar sobre a sua vontade, e não apenas tentar enquadrá-lo no nosso sistema. A fé é fortalecedora, mas também exigente e desafiadora. Deus é desafiador.

Abençoe-nos, nestas semanas, o Deus trino: Pai, Filho e Espírito Santo.

+ Peter Kohlgraf

+ Peter Kohlgraf
Bispo de Mainz

Mainz, primeiro domingo da quaresma de 2021

“Deus não é, meramente, parte da manutenção do nosso sistema. Ele é o sempre maior. Nestas semanas do tempo da quaresma, somos convidados a buscá-lo, a suportar a escuridão e a não procurar respostas imediatas.”

